

que difere de meu espírito¹⁵⁴. E concebo facilmente que, se algum corpo existe ao qual meu espírito esteja conjugado e unido de tal maneira que ele possa aplicar-se a considerá-lo quando lhe aprouver, pode acontecer que por este meio ele imagine as coisas corpóreas: de sorte que esta maneira de pensar difere somente da pura intelecção no fato de que o espírito, concebendo, volta-se de alguma forma para si mesmo e considera algumas das idéias que ele tem em si; mas, imaginando, ele se volta para o corpo e considera nele algo de conforme à idéia que formou de si mesmo ou que recebeu pelos sentidos. Concebo, digo, facilmente que a imaginação pode realizar-se dessa maneira, se é verdade que há corpos; e, uma vez que não posso encontrar nenhuma outra via para mostrar como ela se realiza, conjeturo daí provavelmente que os há: mas não é senão provavelmente e, embora examine cuidadosamente todas as coisas, não verifico, no entanto, que, desta idéia distinta da natureza corporal que tenho em minha imaginação, possa tirar algum argumento que conclua necessariamente a existência de algum corpo¹⁵⁵.

5. Ora, acostumei-me a imaginar muitas coisas além desta natureza cor-

¹⁵⁴ Segunda presunção. Esta contingência da presença de imaginação em mim é fundamental em relação à teoria das Matemáticas expostas nas *Regulae*: embora possam e devam apoiar-se na imaginação, as Matemáticas são essencialmente obra do entendimento. O modelo matemático de Descartes é a teoria das proporções de Eudoxo (livros V a VII de Euclides), que a Álgebra permite universalizar, e não a Geometria "imaginativa" de Euclides, pela qual, segundo Baillet, seu biógrafo, não sentia quase nenhuma estima. Este ponto nos parece capital para qualquer cotejo entre Descartes e Kant e para todo estudo do conceito clássico de "imaginação" nos séculos XVII e XVIII.

¹⁵⁵ Recapitulação: ao passo que a imaginação em mim prova a existência dos corpos, a explicação que se lhe dá aqui só será verdadeira quando esta existência estiver comprovada.

pórea que é o objeto da Geometria, a saber, as cores, os sons, os sabores, a dor e outras coisas semelhantes, embora menos distintamente. E na medida em que percebo muito melhor tais coisas pelos sentidos, por intermédio dos quais, e da memória, elas parecem ter chegado até minha imaginação, creio que, para examiná-las mais comodamente, vem a propósito examinar ao mesmo tempo o que é sentir, e ver se, das idéias que recebo em meu espírito por este modo de pensar, que chamo sentir, posso tirar alguma prova certa da existência das coisas corpóreas¹⁵⁶.

6. E, primeiramente, recordarei em minha memória quais são as coisas que até aqui considerei como verdadeiras, tendo-as recebido pelos sentidos, e sobre que fundamentos estava apoiada minha crença. E, depois, examinarei as razões que me obrigaram em seguida a colocá-las em dúvida. E, enfim, considerarei o que devo a respeito delas agora acreditar¹⁵⁷.

7. Primeiramente, pois¹⁵⁸, senti que possuía cabeça, mãos, pés e todos os outros membros de que é composto este corpo que considerava como parte de mim mesmo ou, talvez, como o todo. Demais, senti que esse corpo estava colocado entre muitos outros, dos quais era capaz de receber diversas comodidades e incomodidades e advertia essas comodidades por um certo sentimento de prazer ou de voluptuosidade e essas incomodidades por um sentimento de dor. E, além desse prazer e dessa dor, sentia também em mim a fome, a sede e outros semelhantes

¹⁵⁶ Depois do recurso ao entendimento e da análise da imaginação, a análise da sensação.

¹⁵⁷ Anúncio dos momentos da pesquisa.

¹⁵⁸ "Primeiramente, recordarei em minha memória quais são as coisas que até aqui considerei como verdadeiras, tendo-as recebido pelos sentidos", a saber, que estou unido a um corpo e que as coisas materiais existem.

apetites, como também certas inclinações corporais para a alegria, a tristeza, a cólera e outras paixões semelhantes; e, no exterior, além da extensão, das figuras, dos movimentos dos corpos, notava neles a dureza, o calor e todas as outras qualidades que se revelam ao tato. Demais, aí notava a luz, cores, odores, sabores e sons, cuja variedade me fornecia meios de distinguir o céu, a terra, o mar e geralmente todos os outros corpos uns dos outros.

8. E, por certo, considerando as idéias de todas essas qualidades que se apresentavam ao meu pensamento, e as quais eram as únicas que eu sentia própria e imediatamente, não era sem razão que eu acreditava sentir coisas inteiramente diferentes de meu pensamento, a saber, corpos de onde procediam essas idéias¹⁵⁹. Pois eu experimentava que elas se apresentavam ao meu pensamento sem que meu consentimento fosse requerido para tanto, de sorte que não podia sentir objeto algum, por mais vontade que tivesse, se ele não se encontrasse presente ao órgão de um de meus sentidos; e não estava de maneira alguma em meu poder não o sentir quando ele aí estivesse presente.

9. E, dado que as idéias que recebia pelos sentidos eram muito mais vivas, mais expressas e mesmo, à sua maneira, mais distintas do que qualquer uma

daquelas que eu mesmo podia simular, em meditando, ou do que as que encontrava impressas em minha memória, parecia que não podiam proceder de meu espírito; de sorte que era necessário que fossem causadas em mim por quaisquer outras coisas. Coisas das quais não tendo eu nenhum conhecimento senão o que me forneciam essas mesmas idéias, outra coisa me podia vir ao espírito, só que essas coisas eram semelhantes às idéias que elas causavam.

10. E já que eu me lembrava também que me servira mais dos sentidos do que da razão e reconhecia que as idéias que eu formava por mim mesmo não eram tão expressas quanto aquelas que eu recebia dos sentidos e, mesmo, que eram, as mais das vezes, compostas de partes destas, eu me persuadia facilmente de que não havia nenhuma idéia em meu espírito que não tivesse antes passado pelos meus sentidos.

11. Não era também sem alguma razão que eu acreditava que este corpo (que, por um certo direito particular, eu chamava de meu) me pertencia mais propriamente e mais estreitamente do que qualquer outro. Pois, com efeito, jamais eu podia ser separado dele como dos outros corpos; sentia nele e por ele todos os meus apetites e todas as minhas afecções; e, enfim, eu era tocado por sentimentos de prazer e de dor em suas partes e não nas dos outros corpos que são separados dele.

12. Mas, quando examinava por que desse não sei que sentimento de dor segue a tristeza do espírito, e do sentimento de prazer nasce a alegria, ou, ainda, por que esta não sei que emoção do estômago, que chamo fome, nos dá vontade de comer, e a secura da garganta nos dá desejo de beber, e assim por diante, não podia apresentar nenhuma razão, senão que a natureza mo ensinava dessa maneira;

¹⁵⁹ "... e sobre que fundamento era apoiada minha crença...": enumeração até o § 12 das motivações dos "prejuízos da infância". Os argumentos serão os seguintes: a) a coerção (cf. *Principius*, II, § 1: "Não está em meu poder fazer com que experimentemos um sentimento de preferência a outro..."); b) vivacidade particular das idéias sensíveis; c) maior importância aparente das idéias sensíveis, na qual se baseia a teoria escolástica do conhecimento e todo empirismo em geral; d) não posso ser separado de meu corpo como dos outros corpos; e) é nele que sinto minhas afecções e meus apetites (noção do corpo próprio); f) é em suas partes que sinto prazer e dor; g) o laço entre os estados fisiológicos e as afecções da alma (contrações do estômago e fome) pode provir tão somente de um ensinamento da natureza.

pois não há, certamente, qualquer afinidade nem qualquer relação (ao menos que eu possa compreender) entre essa emoção do estômago e o desejo de comer, assim como entre o sentimento da coisa que causa a dor e o pensamento de tristeza que esse sentimento engendra. E, da mesma maneira, parecia-me que eu aprendera da natureza todas as outras coisas que eu julgava no tocante aos objetos dos sentidos; porque eu notava que os juízos, que eu me acostumara a formular a respeito desses objetos, formavam-se em mim antes que eu tivesse o lazer de pesar e considerar quaisquer razões que me pudessem obrigar a formulá-los¹⁶⁰.

13. Mas, depois¹⁶¹, muitas experiências arruinaram, pouco a pouco, todo o crédito que eu dera aos sentidos. Pois observei muitas vezes que torres, que de longe se me afiguravam redondas, de perto pareciam-me quadradas, e que colossos, erigidos sobre os mais altos cimos dessas torres, pareciam-me pequenas estátuas quando as olhava de baixo; e, assim, em uma infinidade de outras ocasiões, achei erros nos juízos fundados nos sentidos exteriores. E não somente nos sentidos exteriores, mas mesmo nos interiores: pois haverá coisa mais íntima ou mais interior do que a dor? E, no entanto, aprendi outrora de algumas pessoas, que tinham os braços e as pernas cortados, que lhes parecia ainda, algumas vezes, sentir dores nas partes que lhes haviam sido amputadas; isto me dava motivo de pensar que eu não podia também estar seguro de ter dolorido algum de meus membros, embora sentisse dores nele.

¹⁶⁰ É a definição do "pré juízo".

¹⁶¹ "E, depois, examinei as razões que me obrigaram em seguida a colocá-las em dúvida. . ." Os §§ 13 e 14 recapitulam as razões tiradas da Meditação Primeira.

14. E a essas razões de dúvida acrescentei ainda, pouco depois, duas outras bastante gerais. A primeira é que jamais acreditei sentir algo, estando acordado, que não pudesse, também, algumas vezes, acreditar sentir, ao estar dormindo; e como não creio que as coisas que me parece que sinto ao dormir procedam de quaisquer objetos existentes, não via por que devia ter antes essa crença no tocante àquelas que me parece que sinto ao estar acordado. E a segunda é que, não conhecendo ainda ou, antes, fingindo não conhecer o autor de meu ser, nada via que pudesse impedir que eu tivesse sido feito de tal maneira pela natureza que me enganasse mesmo nas coisas que me pareciam ser as mais verdadeiras.

15. E, quanto às razões que me haviam anteriormente persuadido da verdade das coisas sensíveis, não tinha muita dificuldade em rejeitá-las. Pois, parecendo a natureza levar-me a muitas coisas de que a razão me desviava, não acreditava dever confiar muito nos ensinamentos dessa natureza. E, embora as idéias que recebo pelos sentidos não dependam de minha vontade, não pensava que se devesse, por isso, concluir que procediam de coisas diferentes de mim, posto que talvez possa haver em mim alguma faculdade (apesar de ter até agora permanecido desconhecida para mim) que seja a causa dessas idéias e que as produza¹⁶².

16. Mas, agora que começo a melhor conhecer-me a mim mesmo e a descobrir mais claramente o autor de minha origem, não penso, na verdade,

¹⁶² Crítica dos argumentos a) e g) expostos anteriormente: como já notava a Meditação Terceira, a "natureza" pode contrariar a razão, e o argumento proveniente da coerção é abalado pela hipótese de uma faculdade desconhecida que poderia produzir, sem o nosso conhecimento, as idéias sensíveis.

que deva temerariamente admitir todas as coisas que os sentidos parecem ensinar-nos, mas não penso tampouco que deva colocar em dúvida todas em geral¹⁶³.

17. E, primeiramente, porque sei que todas as coisas que concebo clara e distintamente podem ser produzidas por Deus tais como as concebo, basta que possa conceber clara e distintamente uma coisa sem uma outra para estar certo de que uma é distinta ou diferente da outra, já que podem ser postas separadamente, ao menos pela onipotência de Deus; e não importa por que potência se faça essa separação, para que seja obrigado a julgá-las diferentes¹⁶⁴. E, portanto, pelo próprio fato de que conheço com certeza que existo, e que, no entanto, noto que não pertence necessariamente nenhuma outra coisa à minha natureza ou à minha essência, a não ser que sou uma coisa que pensa, concludo efetivamente que minha essência consiste somente em que sou uma coisa que pensa ou uma substância da qual toda a essência ou natureza consiste apenas em pensar. E, embora talvez (ou, antes, certamente, como direi logo mais) eu tenha um corpo ao qual estou muito estreitamente conjugado¹⁶⁵, todavia,

já que, de um lado, tenho uma idéia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que, de outro, tenho uma idéia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual eu sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo e que ela pode ser ou existir sem ele¹⁶⁶.

18. Ainda mais, encontro em mim faculdades de pensar totalmente particulares e distintas de mim, as faculdades de imaginar e de sentir, sem as quais posso de fato conceber-me clara e distintamente por inteiro, mas que não podem ser concebidas sem mim, isto é, sem uma substância inteligente à qual estejam ligadas. Pois, na noção que temos dessas faculdades, ou (para servir-me dos termos da Escola) no seu conceito formal, elas encerram alguma espécie de intelecção: donde concebo que são distintas de mim, como as figuras, os movimentos e os outros modos ou acidentes dos corpos o são dos próprios corpos que os sustentam.

19. Reconheço, também, em mim algumas outras faculdades, como as de mudar de lugar, de colocar-me em múltiplas posturas e outras semelhantes, que não podem ser concebidas, assim como as precedentes, sem alguma substância à qual estejam ligadas, e nem, por conseguinte, existir sem ela; mas é muito evidente que essas faculdades, se é verdade que existem, devem ser ligadas a alguma substância corpórea ou extensa, e não a uma substância inteligente, posto que, no conceito claro e distinto dessas faculdades, há de fato alguma sorte de extensão que se acha contida, mas de modo nenhum qualquer inteligência¹⁶⁷. Demais, en-

¹⁶³ "E, enfim, considerarei o que devo a respeito delas agora acreditar." Em outros termos, não se trata mais "agora" de voltar nos "prejuízos" eliminados pela prova da dúvida; mas tampouco se trata de recusar os dados sensíveis em geral, sem analisá-los à luz da veracidade divina. Começa, aqui, a parte principal dessa Meditação, em que serão estabelecidas as três últimas verdades.

¹⁶⁴ É o elemento essencial da prova da distinção: Deus não pode deixar de fazer o que eu concebo clara e distintamente. Só este princípio basta para invalidar todas as conclusões derivadas da união de fato entre a alma e o corpo.

¹⁶⁵ Notar a reserva: não sabemos ainda se a prova poderá ser aplicada. Cf.: "E se Deus mesmo juntasse tão intimamente corpo e alma que fosse impossível uni-los mais, e fizesse um composto destas duas substâncias assim unidas, concebemos também que permaneceriam realmente distintas, não obstante tal união, porque, qualquer que seja a ligação que Deus estabeleça entre elas, não poderia desfazer-se do seu poder de separá-las..." (*Princípios*, I, 60.)

¹⁶⁶ É a décima verdade. Acerca das noções de distinção real e modal, cf. *Princípios*, I, 60-61.

¹⁶⁷ Esta distinção dos modos da substância extensa e dos modos da substância inteligente anuncia que deve haver em mim outra coisa além do puro pensamento.

contra-se em mim certa faculdade passiva de sentir, isto é, de receber e conhecer as idéias das coisas sensíveis¹⁶⁸; mas ela me seria inútil, e dela não me poderia servir absolutamente, se não houvesse em mim, ou em outrem, uma faculdade ativa¹⁶⁹, capaz de formar e de produzir essas idéias. Ora, essa faculdade ativa não pode existir em mim enquanto sou apenas uma coisa que pensa, visto que ela não pressupõe meu pensamento¹⁷⁰, e, também, que essas idéias me são frequentemente representadas sem que eu em nada contribua para tanto e mesmo, amiúde, mau grado meu; é preciso, pois, necessariamente, que ela exista em alguma substância diferente de mim, na qual toda a realidade que há objetivamente nas idéias por ela produzidas esteja contida formal ou eminentemente (como notei antes). E esta substância é ou um corpo, isto é, uma natureza corpórea, na qual está contida formal e efetivamente tudo o que existe objetivamente e por representação nas idéias; ou então é o próprio Deus, ou alguma outra criatura mais nobre do que o corpo, na qual isto mesmo esteja contido eminentemente¹⁷¹.

20. Ora, não sendo Deus de modo algum enganador, é muito patente que ele não me envia essas idéias imediatamente por si mesmo, nem também por intermédio de alguma criatura, na qual a realidade das idéias não esteja contida formalmente, mas apenas eminentemente.

¹⁶⁸ Passagem à prova da existência das coisas materiais. Parte-se do reconhecimento em mim da existência de uma sensibilidade passiva.

¹⁶⁹ "Se acreditai que a ação e a paixão são apenas uma única e mesma coisa a que se atribuíram dois nomes diferentes. . ." (A Hyperaspistes, 27 de julho de 1641.)

¹⁷⁰ Se esta faculdade ativa pressupusesse meu pensamento, eu haveria de sabê-lo.

¹⁷¹ Esta faculdade ativa deve estar colocada numa substância fora de mim que, em virtude do princípio de causalidade, será, ou mais "nobre" do que o corpo (causa eminente), ou o próprio corpo (causa formal). Ora, a primeira dessas possibilidades infringiria o princípio da veracidade divina.

mente. Pois, não me tendo dado nenhuma faculdade para conhecer que isto seja assim, mas, ao contrário, uma fortíssima inclinação para crer que elas me são enviadas pelas coisas corporais ou partem destas, não vejo como se poderia desculpá-lo de embaimento se, com efeito, essas idéias partissem de outras causas que não coisas corpóreas, ou fossem por elas produzidas. E, portanto, é preciso confessar que há coisas corpóreas que existem¹⁷².

21. Talvez elas não sejam, todavia, inteiramente como nós as percebemos pelos sentidos, pois essa percepção dos sentidos é muito obscura e confusa em muitas coisas; mas, ao menos, cumpre confessar que todas as coisas que, dentre elas, concebo clara e distintamente, isto é, todas as coisas, falando em geral, compreendidas no objeto da Geometria especulativa, aí se encontram verdadeiramente. Mas, no que se refere a outras coisas, as quais ou são apenas particulares, por exemplo, que o sol seja de uma tal grandeza e de uma tal figura, etc., ou são concebidas menos claramente e menos distintamente, como a luz, o som, a dor e outras semelhantes, é certo que, embora sejam elas muito duvidosas e incertas, todavia, do simples fato de que Deus não é enganador e que, por conseguinte, não permitiu que pudesse haver alguma falsidade nas minhas opiniões, que não me tivesse dado também alguma faculdade capaz de corrigi-la, creio poder concluir seguramente que tenho em mim os meios de conhecê-las com certeza¹⁷³.

¹⁷² Se Deus não nos proporcionou nenhum meio de reconhecer ou de evitar um erro, é porque estamos diante de uma verdade: processamento análogo ao de uma prova por absurdo. Assim, fica estabelecida a décima primeira verdade: certeza absoluta da existência dos corpos.

¹⁷³ O valor do sentimento é especificado: ele vai mais longe do que a simples atestação da existência dos corpos. Por menor que seja o valor objetivo da verdade sensível, esta possui, no entanto, um valor. Sem embargo, não é ainda visível qual a verdadeira função do sentimento e o fim que o justifica.